



A CULTURA DIFUNDIDA NO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA E A UNIVERSIDADE EM PORTUGAL

THE DIFFERENT CULTURE IN THE MONASTERY OF SANTA MARIA DE ALCOBAÇA AND THE UNIVERSITY IN PORTUGAL

LA CULTURA DIFERENTE EN EL MONASTERIO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA Y LA UNIVERSIDAD EN PORTUGAL

1

Camila Gomes de Oliveira Verdade¹
Terezinha Oliveira²
Viviane da Silva Batista³

Resumo: Este estudo analisa a formação dos mosteiros em Portugal nos séculos XIII e XIV como instituições de saber, com destaque para o mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, vinculado ao surgimento da universidade em Portugal. A fonte principal é a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, escrita por Marcos de Lisboa. Os mosteiros são relevantes para a formação das pessoas e para a preservação da história da universidade em Portugal. O estudo segue os princípios da história social e da longa duração, permitindo compreender a instituição no campo da história da educação.

Palavras-chave: Mosteiro. Universidade. Reino português. História da Educação.

Abstract: This study examines the formation of monasteries in Portugal during the 13th and 14th centuries as institutions of knowledge, with a specific focus on the Monastery of Santa Maria de Alcobaça, which played a role in the emergence of the university in Portugal. The primary source is the Chronicle of the Order of Friars Minor, written by Marcos de Lisboa. Monasteries are relevant for the education of individuals and the preservation of the history of the university in Portugal. The study follows the principles of social history and long-term analysis, enabling a comprehensive understanding of the institution within the field of the history of education.

Keywords: Monastery. University. Portuguese kingdom. History of Education.

¹Mestranda em Educação. Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4032-5059>. E-mail: camila.oliveira532@hotmail.com

²Doutora em História/Unesp, Pós-Doutora em História e Filosofia da Educação/FEUSP. Profª. Titular do Depart. de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UEM-Pr. Bolsista de Produtividade 1C/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>. E-mail: teleoliv@gmail.com

³ Doutora em Educação/UEM. Profª. do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual de Paraná/Unespar - Campus Paranavaí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2126-7778>. E-mail: vivi.sbatis@gmail.com



Resumen: Este estudio examina la formación de los monasterios en Portugal durante los siglos XIII y XIV como instituciones de conocimiento, con un enfoque específico en el Monasterio de Santa Maria de Alcobaça, vinculado al surgimiento de la universidad en Portugal. La fuente principal es la Crónica de la Orden de los Frailes Menores, escrita por Marcos de Lisboa. Los monasterios son relevantes para la formación de las personas y la preservación de la historia de la universidad en Portugal. El estudio sigue los principios de la historia social y del análisis a largo plazo, lo que permite comprender la institución dentro del campo de la historia de la educación.

Palabras-clave: Monasterio. Universidad. Reino portugués. Historia de la Educación

Submetido 03/02/2023

Aceito 31/05/2023

Publicado 01/06/2023

Introdução

O objetivo deste artigo constituiu em investigar a formação do mosteiro em Portugal, entre os séculos XIII e XIV, e analisá-lo como uma instituição de saber. Como recorte institucional elegemos o mosteiro de Santa Maria de Alcobaça por estar vinculado ao surgimento da Universidade de Portugal. A proposta deste estudo centrou-se na análise da *Crônica de Ordem das Frades Menores* sob a perspectiva da História da Educação.

O mosteiro de Santa Maria de Alcobaça surgiu em meados do século XII. Segundo Gonçalves (2006), a comunidade foi fundada em 1153, por doação a D. Afonso Henriques (1106/1109-1185) a São Bernardo de Claraval (1090-1153). Seu nome deriva das junções dos rios Alcoa e Baça. Esse mosteiro seguiu as Regras de São Bento que, além dos trabalhos manuais, previa o equilíbrio harmônico de três atividades básicas: liturgia diária, meditação especulativa e afetiva e prática de pobreza.

A *Crônica de Ordem das Frades Menores* foi escrita por Marcos de Lisboa (1511-1591) e posteriormente organizada, comentada e traduzida por José Joaquim Nunes (1889-1932) na primeira metade do século XX. Essa edição, disponível on-line, permitiu uma reflexão sobre a formação dos mosteiros, com destaque para o Mosteiro de Alcobaça e o papel dessas instituições na formação das pessoas naquela época. Essa mesma ponderação foi observada por “[...] mosteiros, os quais, no século X, apresentavam-se como locais próprios para o ensinamento dos princípios religiosos cristãos, o desenvolvimento do saber e a preservação da cultura antiga greco-romana” (BOVOLIM; SILVA, 2007).

Inicialmente, a educação em Alcobaça estava restrita aos monges e era focada principalmente na área da Teologia. De acordo com Gonçalves (2006), durante muitos anos, apenas a Teologia era ensinada. No entanto, com a regência de Frei Estêvão Martins, entre os anos de 1252 e 1275, Alcobaça passou por uma reforma educacional. Segundo Janotti (1992, p. 359) “[...] o referido abade determinou que no mosteiro houvesse perpetuamente aulas de teologia, lógica e gramática, destinadas não apenas aos monges, mas também, a todos que desejassem adquirir a incomparável riqueza de sabedoria”. Portanto, essa passagem sugere que, mesmo antes da fundação da Universidade em Portugal, o ensino dessas disciplinas estava disponível no mosteiro. Isso indica que os mosteiros desempenhavam um papel importante na difusão do saber e na educação da época.

De acordo com Janotti (1992, p. 354), na época em questão, o clero era o único segmento da sociedade que possuía algum tipo de instrução e, por isso, obtinha o monopólio das letras e do ensino, de modo que, “[...] ao tempo de D. Denis não houve em Portugal outras escolas além das eclesiásticas”. Assim, antes do surgimento das universidades, Portugal possuía uma forma de ensino organizada sob duas formas: a episcopal e a monástica.

Janotti (1992, p. 356) também menciona que “No século XII surgia à escola episcopal de Braga, estabelecida por São Geraldo e que cuidava de ministrar o ensino da doutrina canônica ao clero bracarense e aos párocos de outras freguesias”. As escolas episcopais, por seu turno, tinham como objetivo a formação do clero secular e de alguns leigos que eram instituídos para defender a doutrina da igreja cristã junto à sociedade civil. Portanto, as escolas monásticas expressariam os primeiros espaços que visavam somente a formação de futuros monges. A escola monástica, no seu início, funcionava em regime interno. Essas mesmas escolas inauguram escolas externas com o propósito de formar leigos, porém cultos como os filhos de reis.

As escolas monásticas completavam a organização docente da Idade Média portuguesa pré-universitária. Dos mosteiros portugueses destacaram-se, dentre o de Santa Cruz de Coimbra, da ordem de Santo Agostinho e o de Santa Maria de Alcobaça, da ordem dos cistercienses que, no dizer de Herculano, veio a ser o mais célebre de Portugal (JANOTTI, 1992, p. 358).

Por conseguinte, essas eram as escolas que constituíam a realidade de Portugal antes da fundação da Universidade. Em relação à origem das universidades de Portugal, encontramos pesquisas, no âmbito da história da educação, estudos como a dissertação *D. Dinis e a origem da universidade de Portugal*, de Sarache (2013), tese *A reforma da universidade de Coimbra no reinado de D. João III na sua relação com a expansão da fé católica*, de Guaraldo (2018) e a tese *Uma análise do ensino no século XIII a partir de um estudo da obra clássica o Romance da Rosa*, de Batista (2016).

Assim, o problema de pesquisa que se buscou responder com esse estudo foi: Qual a influência da cultura difundida no mosteiro de Santa Maria de Alcobaça para o desenvolvimento do reino português e o surgimento da universidade na Idade Média?

Os pressupostos metodológicos que nortearam este estudo foram os da História Social, fornecendo um guia para reflexões sobre a organização da instituição específica do século em questão. Nesse caminho teórico, optamos por utilizar a obra *Apologia da História ou Ofício do Historiador* de Marc Bloch (2001) e o princípio da longa duração, conforme descrito por Fernand Braudel (1990), como referências teóricas. Além disso, recorreremos a Le Goff (1990) para compreender a importância do estudo da história e da historiografia no contexto da Educação.

Essas abordagens metodológicas permitiram uma análise mais abrangente e aprofundada da instituição em estudo, considerando suas dimensões sociais. A obra de Bloch (2001) destacou a importância do ofício do historiador e dos métodos críticos na reconstrução histórica, enquanto o princípio de longa duração de Fernand Braudel (1990) forneceu uma perspectiva de análise temporal ampla, considerando as continuidades e permanências ao longo dos séculos. Por sua vez, o trabalho de Le Goff (1990) contribuiu para compreendermos como a história e a historiografia têm significado dentro do campo da Educação. Sua obra nos permite compreender como o estudo do passado pode contribuir para a formação dos indivíduos, auxiliando-os a compreender sua identidade, a refletir sobre a sociedade em que vivem e desenvolver uma consciência crítica.

Bloch (2001, p. 79) salienta que a história precisa ser a fonte de conhecimento do estudo posto que “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.

Com base nas formulações de autores como Bloch, Braudel e Le Goff, compreendemos que as fontes históricas têm um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois somos capazes de ampliar nosso conhecimento e nos ajudar a compreender o presente. Ao utilizar as fontes históricas como ferramentas de ensino, podemos explorar diferentes perspectivas, compreender as transformações sociais e culturais ao longo do tempo e refletir sobre a importância da história na formação da sociedade.

Dessa forma, ao elevarmos as fontes históricas, podemos enriquecer nossa compreensão do passado, contribuir para a construção de um olhar crítico sobre o presente e promover uma educação mais contextualizada e significativa. Por meio dessa abordagem, somos capazes de

compreender melhor as continuidades e permanências ao longo do tempo, bem como as mudanças e rupturas que ocorreram dentro desse contexto educacional específico.

Reflexões da Crônica de Ordem dos Frades Menores para o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça

A proposta deste estudo foi analisar sob a perspectiva da história da educação o mosteiro como instituição do saber, tendo como fonte a *Crônica de Ordem dos Frades Menores*. Assim, nos propusemos também a entender os aspectos da sociedade portuguesa e de sua economia, para melhor compreendermos a formação do mosteiro, necessário para o período do surgimento da universidade em Portugal. Acompanhamos a obra composta por introdução, anotações, glossário, índice e onomástico, comprovando o que já tinha sido alegado pelo relator da crônica utilizada em nossa pesquisa:

O texto é preciso, tanto pelo que toca ao conhecimento da vida medieval, como, e principalmente, pelo que toca a história da nossa língua. Por isso o Sr. Jose Joaquim Nunes teve a paciência de o copiar, e oferecendo a sua cópia à 2ª classe da Academia, pede que está o mande publicar, se o julgar digno disso (VASCONCELOS apud NUNES, 1918, p. 7).

Esse parecer nos auxilia a explicitar a relevância da obra para a compreensão da história da educação em Portugal entre os séculos XIII e XIV, exatamente por isso ela se constitui a fonte da nossa pesquisa e a partir dela realizamos reflexões sobre o reino.

O primeiro ministro jerall de todos foy o muy glorioso padre nososamFra[n]çisquo, o quallnomacheyaversydoemlegido, mais (1) de permitimento do papa devotamente instituido. E este muy bem aventurado padre foy primeiramente deputado aos negocios de ganancia de mercadarias, pero depois, tragido do espirito (2) samto por alguúasrevellações e por hûasespiraçoões de demtrotrautado e assy como com força de fogo derretido e demde em nas pressas de muitas tribullaçoões malhado, foy finalmente em barom perfeito transformado (NUNES, 1918, p. 3-4).

Apresentando a vida dos santos da Ordem dos Frades Menores, Frei Marcos de Lisboa (1510-1591) nos traz o modelo de vida para os seguidores de São Francisco de Assis (1181-

1226) e da Igreja. Portanto, Frei Marcos de Lisboa narra a vida de São Francisco de Assis e de seus santos, tornando a *Crônica* um modelo de imitação para os pagãos.

A *Crônica* e alguns dados apresentados a seguir evidenciam o valor dessa obra não somente para a região Ibérica como para toda a Europa. Nela, a vida de São Francisco de Assis (1181-1226) ocupa lugar importante na tradução de José Joaquim Nunes (1889-1932), pois, por meio da Ordem dos Frades Menores e da história do cristianismo, foi possível recuperar a memória do mosteiro de Portugal e compreendermos aspectos da fundação do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

Qualquer estudo sobre as origens da cultura medieval deve inevitavelmente conceder um papel central ao estudo do monasticismo ocidental, já que o mosteiro constituiu a mais típica instituição cultural de todo esse período que se estende do declínio da civilização clássica ao aparecimento das universidades europeias no século XII - compreendendo sete séculos (DAWSON, 2016, p. 70).

Em Portugal, especificamente no mosteiro de Alcobaça, predominou o ensino das escolas monásticas, que além de preservar obras da Antiguidade transmitem o pensamento cristão e tornam-se importantes centros educativos.

As escolas monásticas eram instituições onde os monges e estudantes podiam aprender e aprofundar seus conhecimentos em diversos campos, como teologia, filosofia, retórica, música, arte e ciências naturais. O ensino nesses mosteiros era baseado em manuscritos e obras antigas, que eram copiados e preservados pelos monges, garantindo assim a continuidade do conhecimento (DIEL, 2017).

As escolas monásticas nessa época tinham a responsabilidade não apenas de preservar obras da Antiguidade, mas também de transmitir o pensamento cristão e fornecer educação aos monges e outros estudantes.

De acordo com Bovolim (2007), é importante considerarmos a figura de Bento de Núrsia (480-547), representante da Ordem Beneditina no Ocidente medieval, que sempre contribuiu para a propagação da fé cristã e o fomento da cultura. Em sua regra, Bento de Núrsia expunha todos os aspectos de como deveria ser o comportamento dos monges. O modo de vida

monástico teve um grande impacto na Idade Média por apresentar um modelo civilizatório e moralizador, da mesma forma como ocorreu com as universidades a partir do século XIII.

Destacamos a figura do rei D. Afonso Henriques (1109-1185), que contribuiu com a fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ação que marcou a independência do reino português. No ano de 1153, ocorreu a fixação da Ordem Cisterciense no mosteiro de Alcobaça, acontecimento de fundamental importância para o reino de Portugal. Contudo, após a conquista da independência de Portugal houve uma profusão de mosteiros Agostinianos e Beneditinos no reino. É nesse mesmo período que D. Afonso Henriques promoveu a entrada, em Portugal, das ordens de Santo Agostinho e Cister, oferecendo a Ordem bens e, o mais importante, a proteção.

As ordens beneditinas⁴ e cistercienses são duas ordens religiosas monásticas que surgiram na Idade Média. Embora ambas seguissem a Regra de São Bento e buscassem uma vida de oração, trabalho e comunidade, é possível observar algumas diferenças entre elas. A Ordem Beneditina foi fundada por São Bento de Núrsia no século VI. São Bento estabeleceu a Regra de São Bento, um conjunto de diretrizes e práticas para a vida monástica que se tornou amplamente aceito em toda a Europa Ocidental. Já a Ordem Cisterciense, fundada no século XII por São Bernardo de Claraval, prezava por uma vida monástica mais rigorosa e austera, em consonância com os princípios da pobreza, trabalho manual e solidão contemplativa (JANOTTI, 1992).

Essas diferenças podiam ser observadas na arquitetura dos mosteiros. Os beneditinos, por exemplo, ornamentados e decorados, enfatizavam a beleza e na arte. Por outro lado, os mosteiros cistercienses, mais simples e funcionais, refletiam a busca pela simplicidade e pela renúncia aos excessos materiais. Para além dos aspectos externos, essas diferenças entre as ordens beneditinas e cistercienses refletiam, sobretudo, nos entendimentos das questões espirituais e das práticas monásticas, contudo ambas contribuíram para a vida religiosa e cultural da época.

O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça é uma obra Cisterciense instalada no século XII, conhecida também como casa religiosa, casa da cultura. Além de serem locais de devoção

⁴ A Ordem Beneditina, fundada por São Bento no século VI, enfatizava a estabilidade e a permanência dos monges em um mosteiro específico. Os beneditinos buscavam uma vida contemplativa e eram conhecidos por sua prática litúrgica e trabalho manual, como a cópia de manuscritos e atividades agrícolas.

religiosa, as casas religiosas funcionavam como centros de cultura e conhecimento. Os monges e freiras que viviam nessas comunidades desempenhavam um papel fundamental na preservação e transmissão do conhecimento, tanto religioso quanto secular. Eles copiavam manuscritos, preservando obras da Antiguidade clássica e textos religiosos, e estavam envolvidos em atividades intelectuais, como a leitura, o estudo teológico e a reflexão filosófica. A Abadia atravessou tempos difíceis, porém, se manteve viva com a chama do saber se perpetuando ao longo dos séculos.

As contribuições que o mosteiro proporcionou para a cultura de Portugal foram muito significativas. O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, como uma obra Cisterciense instalada no século XII, foi uma casa religiosa que desempenhou um papel fundamental tanto na esfera religiosa quanto na cultural. Era um local de devoção, onde os monges cistercienses dedicavam suas vidas às orações e contemplações.

A sua biblioteca foi uma das mais importantes e ricas de Portugal. Nela, podem ser encontradas obras de Santo Agostinho (354-430), São Tomás de Aquino (1225-1274), Cassiodoro (487-585) e Hugo de São Vítor (1096-1141).

Mesmo que nos primeiros anos o estudo teológico não fosse para Francisco um problema e que houvesse a necessidade de que os frades tivessem instrução, após a sua morte este elemento despertará divisões dentro da instituição. Os frades menores, em finais dos anos 30 do século XIII, passaram a ter cátedras de teologia em Paris, Oxford e Bolonha o que, de certo modo acabava por afastar cada vez mais o movimento de sua lógica inicial (CAMACHO, 2016, p. 3).

Inicialmente, a educação de Alcobaça era destinada apenas para os monges e o seu ensino estava voltado à Teologia. A partir da reforma realizada por Estevão Martins (1252-1276), a abadia passou a ministrar aulas de Gramática e Lógica, bem como permitir que pessoas que não pertenciam ao mosteiro pudessem frequentar as aulas.

Dentro desse contexto educacional, a *Ordem dos Frades Menores* era um exemplo de santidade e humildade. Os frades dessa ordem se dedicavam à vida evangélica e à caridade, seguindo os votos de obediência, pobreza e mendicância consagrados a Deus. Eles viviam em comunidade, compartilhando uma vida de simplicidade, serviço aos outros e devoção aos ensinamentos de Cristo. Essa abordagem de vida religiosa e o modelo de santidade proposto

pelos Frades Menores tiveram influência não apenas na região Ibérica, mas em toda a Europa, contribuindo para a disseminação dos valores cristãos e para o crescimento espiritual das pessoas que se inspiravam nesse estilo de vida.

Além disso, os frades (pessoas pertencentes a uma ordem religiosa) franciscanos que se concentravam na oração, pregação, evangelização, no serviço aos pobres e nas demais obras de caridade, também representaram personagens importantes para o nosso estudo. Dessa forma, “O século XIII foi o século de grandes mudanças na sociedade ocidental, especialmente em virtude das universidades, das Ordens Mendicantes, do comércio e, especialmente, porque o sentido de coletivo e público tornava-se cada vez mais presente nas relações sociais” (OLIVEIRA, 2015, p. 730). As ordens mendicantes exerceram um papel fundamental para o desenvolvimento dessa nova mentalidade, pois questionavam as riquezas que pertenciam à Igreja e após 1250 passaram a ocupar lugares de destaque nas universidades, levando uma forma diferente de ensino e conhecimento (LE GOFF, 2008).

As ordens mendicantes (franciscanos, dominicanos, carmelitas e agostinianos) surgiram no século XIII, pregavam o evangelho para a sociedade e faziam votos de pobreza. Assim, a principal característica dessas ordens era a mendicância, por meio da qual obtinham a sobrevivência posto que tinham renunciado às riquezas da sociedade, como é escrito na passagem do Frei Bernardo de Quintavalle, descrita por Nunes.

E, como dom Bernardo parasse mentes em todas estas cousas, por o resprandor da lampada que estava emçencido em devaçom, e disse a Sam Françisco: Ir mão Françisco, eu porpuse de toda em todo de leixar o mundo e te seguir e fazer todallas coussas que me tu mandares (NUNES, 1918, p. 59).

Ao mencionar a importância da escrita, é relevante considerar a descrição do convite feito a Francisco de Assis para ceiar e dormir na casa de Bernardo. Nesse encontro, Bernardo, um homem rico, ficou maravilhado com a santidade de Francisco e decidiu seguir seus ensinamentos, abandonando suas riquezas materiais e adotando uma vida de simplicidade.

A passagem citada anteriormente ilustra como a escrita desempenhava um papel fundamental na preservação da memória e no testemunho dos eventos ocorridos. Por meio da escrita, a história de Francisco de Assis e de Bernardo foi registrada e transmitida, garantindo que suas experiências e ensinamentos não fossem esquecidos ao longo do tempo. Fato que nos

remete à ideia de que “A escrita é guardiã fiel da memória. Deste modo ela torna presentes as coisas antigas, atesta as novas e comprovando-as, delas dá testemunho a fim de que, no decurso dos tempos futuros, não caiam no esquecimento” (GOMES, 2002, p. 187). A citação de Saul Antônio Gomes destaca ainda a preocupação com o esquecimento ao longo do tempo. Ao dar testemunho por meio da escrita, a informação fica resguardada contra a possibilidade de ser perdida ou negligenciada com o passar dos anos.

É claro que a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história. Mas não devemos esquecer que: 1) oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história; 2) a história, se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedades sem história (LE GOFF, 1990, p. 53).

No período medieval, a escrita desempenhava um papel fundamental na preservação e transmissão do conhecimento. A sociedade medieva era predominantemente oral, dependendo da memória coletiva e das tradições transmitidas verbalmente para preservar histórias, leis e conhecimentos importantes. É nesse contexto que a escrita assume um papel crucial. Ela se torna a guardiã fiel da memória, registrando e preservando as informações de forma precisa e duradoura.

O Mosteiro de Alcobaça é um exemplo claro dessa tradição e sua relação com a escrita. Durante a Europa Medieval, Portugal manteve-se fiel à busca do conhecimento e à importância da razão. No entanto, é importante notar que essa perspectiva da razão era principalmente baseada nos ensinamentos e ideais da Igreja, uma vez que os mosteiros eram os principais centros de sabedoria e aprendizado na época.

Os mosteiros, incluindo o de Alcobaça, eram lugares onde os intelectuais da Idade Média encontravam um ambiente propício para estudar, debater ideias e aprofundar seu conhecimento. Eles eram verdadeiros polos de sabedoria, com monges e clérigos dedicados ao estudo e à preservação do conhecimento. Portanto, a escrita desempenhava um papel fundamental nesse contexto. Os monges eram responsáveis pela cópia e ilustração de manuscritos, que eram valiosos registros de textos antigos e conhecimento acumulado ao longo dos séculos. Esses manuscritos eram produzidos com grande cuidado e precisão, preservando

as obras de filósofos, teólogos e cientistas que moldaram o pensamento medieval. Dessa forma, o Mosteiro de Alcobaça foi um importante centro de produção de manuscritos, contribuindo para a difusão do conhecimento não apenas em Portugal, mas também em toda a Europa.

Cada mosteiro possuía sua própria biblioteca. Os *scriptoria*⁵ estavam presentes, principalmente, nos mosteiros beneditinos. Os livros desempenhavam um papel fundamental na vida monástica, permitindo que os monges conciliassem a leitura com os trabalhos manuais estipulados pelas Regras de São Bento.

Os mosteiros beneditinos, como centros religiosos, dedicavam-se não apenas à vida espiritual, mas também ao estudo e à produção intelectual. Os livros eram utilizados como ferramentas para auxiliar na prática da vida cristã, contendo textos religiosos, como as Escrituras Sagradas, hagiografias, escritos dos Padres da Igreja e obras teológicas. Eles eram usados para aprofundar o conhecimento religioso, facilitar a meditação e a contemplação.

Além disso, a conservação dos livros nas bibliotecas dos mosteiros levou ao desenvolvimento da produção científica. Os monges copistas eram responsáveis por reproduzir e preservar os textos, o que exigia habilidades de caligrafia e cópia precisa. Esse processo de cópia contribuiu para a disseminação do conhecimento e a preservação de obras que, de outra forma, poderiam ser perdidas ao longo do tempo.

Os mosteiros também foram importantes centros de estudo na Idade Média portuguesa. Homens letrados portugueses frequentavam essas instituições em busca de conhecimento, e muitos deles se tornaram estudiosos e escribas. Assim, os mosteiros desempenharam um papel crucial na formação intelectual da época, influenciando o saber medieval em Portugal. Saul António Gomes expõe muito bem essa questão:

“É frágil a memória dos homens”, reflecte um outro texto alcobacense datado de 1220, “e para que ela atravesse o decurso do tempo foi inventado o remédio das letras a fim de que, deste modo, os actos dos tempos presentes sejam sempre lembrados pela escrita” (GOMES, 2002, p. 188).

⁵Scriptoria é a palavra correspondente ao plural do singular *scriptorium*. Entende-se Scriptoria como lugar de produção de livros manuscritos por monges copistas.

Portanto, fica evidente a importância da escrita, assim como dos monges copistas, que dedicaram suas vidas para copiarem e traduzirem os livros, além de preservarem a história e as bibliotecas. Foram a escrita e as obras preservadas nas bibliotecas dos mosteiros que permitiram o surgimento das Universidades. Assim, os frades mendicantes desempenham duplo papel no desenvolvimento do conhecimento no reino português. De um lado, conservaram a tradição dos copistas monásticos, a religiosidade e a disciplina quanto ao cumprimento das regras e, por outro, se tornaram mestres na Universidade.

A igreja, no começo do século XIII, correu o risco de uma revolta pouco menos violenta que a do século XVI. Salvou-se, em grande parte, a expansão das ordens mendicantes; São Francisco e São Domingos fizeram muito mais pela ortodoxia do que até mesmo o Papa mais enérgico (RUSSELL, 1969, p. 163).

Ainda segundo o autor, São Francisco se tornou personagem chave entre os mendicantes. Ele pertencia a uma família rica e de grande importância comercial. “Mas um dia, em que passou cavalgando ao lado de um leproso, um súbito impulso fê-lo desmontar e beijar o homem” (RUSSELL, 1969, p. 163-164). Em virtude desse episódio, São Francisco teria abandonado seus bens e iniciado sua vida de pregação e de boas obras.

Ao iniciar na vida mendicante, ele fez longas incursões em companhia dos primeiros missionários para praticarem o voto de pobreza e a mendicância. “Deviam esmolar seu pão, e não ter outra habitação senão a que lhes fosse fornecida pela hospitalidade do momento” (RUSSELL, 1969, p. 164)

Diferentemente dos mosteiros da primeira Idade Média e mesmo dos do século XII, muitas vezes isolados em áreas rurais e montanhosas, as instituições mendicantes estabeleceram-se nas cidades, junto com a população. Essa proximidade com as pessoas comuns permitiu que os mendicantes desempenhassem um papel significativo na vida urbana e na propagação dos ensinamentos religiosos. Le Goff (1990) destaca que as Ordens Mendicantes não apenas se dedicavam ao estudo do Evangelho, mas também tinham como objetivo compartilhar e disseminar esses ensinamentos para as pessoas. Eles atuavam como conselheiros espirituais, oferecendo orientação religiosa e moral às comunidades urbanas em rápido crescimento.

Além disso, é preciso destacar que os mosteiros dos mendicantes não eram isolados, em zonas rurais e montanhosas, distantes da população, como os mosteiros da primeira Idade Média e até os do século XII, mas, sim, nas cidades, junto com o povo. Porém as duas instituições coincidiam em estudar o evangelho e propagar para as pessoas.

Relevância da Cultura Monástica para o Desenvolvimento da Sociedade, do Reino Português na Idade Média

Nesta seção, nos propusemos a analisar a relevância da cultura monástica para o desenvolvimento do reino português na Idade Média. Portanto, com os pressupostos do princípio da história social construímos caminhos para a elaboração de uma base para compreendermos sobre a importância de se remeter à história e à historiografia, no âmbito da educação por meio do estudo sobre a sociedade portuguesa.

Ao utilizarmos as lentes da história da educação, nos deparamos com diversos espaços educativos no Ocidente latino cristão do século XII. Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 535) descreve que “Os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. Nesse sentido, manter os documentos como livros e escritos antigos em períodos de crises na Idade Média constitui manutenção da herança com relação ao que se considera valioso até nossos tempos na Educação e na história da formação humana.

Quando se estuda a história e a filosofia da educação torna-se necessário analisar a realidade social, política e cultural. Por isso, nossa análise voltou-se para uma das principais instituições educativas da Idade Média: o mosteiro. Segundo Bovolim (2007, p. 193), “[...] a igreja e os mosteiros são importantes instâncias de preservação do conhecimento cultural e intelectual produzido na Antiguidade greco-romana”. Portanto, as escolas monásticas tinham como objetivo a preservação das obras da Antiguidade sendo um importante centro educativo. Destacamos o ensino monástico no oeste da Península Ibérica a partir do século IX.

Quanto aos estudos realizados nos mosteiros de Portugal:

[...] sabe-se também que se deram por causa da ignorância reinante na sociedade ou devido às necessidades práticas da comunidade na administração de seu patrimônio. Os monges estudavam Direito Civil, copiavam livros,

exerciam funções de escribas, estudavam medicina e analisavam e praticavam novos métodos agrícolas (NETO, 2013, p. 68).

Nessas escolas monásticas, tanto os monges como os jovens oferecidos pelos pais tinham acesso à educação, “[...] os monges ensinavam as primeiras letras aos jovens, ensinavam o saltério, o canto, os cálculos e também formavam escribas” (NETO, 2013, p. 68). Essa educação abrangente refletia o compromisso dos mosteiros em formar indivíduos completos, tanto espiritual quanto intelectualmente.

Em suma, a educação nos mosteiros portugueses abrangia tanto os monges como os jovens estudantes. Os mosteiros ofereciam ensinamentos desde as primeiras letras até disciplinas mais avançadas, além de formarem escribas. Ao final do século XI, os mosteiros passaram a receber influências externas, o que impulsionou seu desenvolvimento e expandiu suas atividades educacionais. Essa transformação contribuiu para a formação da cultura escrita em Portugal, à medida que a escrita e a produção de documentos se tornaram aspectos valorizados e desenvolvidos dentro dos mosteiros.

Conforme Neto (2013), essas áreas de ensino eram importantes para a formação dos jovens tanto na vida religiosa como na sociedade em geral. O aprendizado das primeiras letras permitia que eles adquirissem habilidades fundamentais de leitura e escrita, essenciais para o estudo e a compreensão de textos religiosos e outros conhecimentos. O ensino do saltério e do canto tinha o objetivo de preparar os jovens para a participação ativa nos rituais e na música litúrgica, fortalecendo sua conexão com a espiritualidade. Os cálculos forneciam conhecimentos práticos necessários para as atividades cotidianas e para a liturgia, como o cálculo da data da Páscoa. Além disso, a formação de escribas capacitava os jovens a realizar a importante tarefa de copiar manuscritos, contribuindo para a preservação e disseminação do conhecimento.

Uma das atividades de maior destaque que os monges desenvolviam eram as cópias de livros que, posteriormente, foram sendo deixados em suas bibliotecas próprias. Devido a essas atividades, houve uma grande contribuição para o desenvolvimento da ciência e da educação.

Em relação à biblioteca dos mosteiros portugueses, cabe-nos uma análise com um olhar para a construção do saber português, seja da escrita de crônicas ou da organização das bibliotecas. A estrutura eclesiástica fundada por Afonso Henriques (1106/1109-1185)

desempenhou um papel fundamental para a conservação da história do reino por meio da escrita.

Portanto, uma boa oratória poderia auxiliar nos estudos de cristãos, sendo necessário que os monges procurassem por palavras corretas com a finalidade de aumentar a preponderância dos homens do mosteiro sobre os homens do reino. Nas bibliotecas dos mosteiros portugueses não eram escassos os livros de grande importância até mesmo para os dias atuais. “Os principais autores colecionados por Alcobaça foram Santo Agostinho, São Gregório Magno, Orígenes e São Ambrósio, teólogos fundamentais para a configuração do cristianismo no Ocidente” (TEODORO, 2012, p. 43). Em destaque, está o livro *De doctrina Christiana*, de Santo Agostinho. Este livro serviu como uma base para os principais mosteiros medievais da Europa como um modelo de vida virtuosa. Assim, a virtude na prática concerne em um ser humano bondoso, que pratica boas ações, age com honestidade não apenas para favorecer a si próprio, mas, deixando de ser egoísta.

No século XII, a escolástica é iniciada nas escolas cristãs, método filosófico e teológico, em que eram ensinadas as Artes Liberais que antecedem o ingresso nas Universidades. De acordo com Nunes (2018, p. 164, grifos do autor), “Cassiodoro passaram a explicar que elas são *liberais*, porque se expõem e se aprendem nos livros (*liber*= livros)”. Portanto, de acordo com Santo Agostinho, a compreensão das escrituras pressupõe habilidades de leitura e escrita, além do conhecimento das sete Artes Liberais, que eram divididas em duas partes: o Trivium (Lógica, Gramática e Retórica) e o Quadrivium (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia), sendo essas disciplinas consideradas instrumentos de educação, de modo que:

As artes liberais denotam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem. O conceito é do período clássico, mas a expressão e a divisão das artes em trivium e quadrivium datam da Idade Média (JOSEPH, 2008, p. 27).

No *Trivium*, as regras da lógica deveriam estar ligadas à formação dos que estudavam as Escrituras. Nesse sentido, o Trivium se constituía como parte da aprendizagem do cristão, formando seus pensamentos por meio da ciência, abrindo oportunidade de interpretar as escrituras.

Assim como no Mosteiro de Alcobaça, na abadia de Santa Cruz de Coimbra também se percebe uma escola monástica, na qual era lecionada Teologia e Medicina. As contribuições desses mosteiros, para a cultura e a educação portuguesa podem ser observadas nos manuscritos desenvolvidos pelos monges copistas.

Origens da Universidade de Portuguesa

O mosteiro de Santa Maria de Alcobaça foi fundado pela Ordem Cisterciense, instalado no século XII. Foi em Alcobaça, por meio do saber dos monges, que surgiram os primeiros relatos da formação do reino, sendo nele ministradas as primeiras aulas no reino de Portugal.

As leituras que foram realizadas sobre essa temática permitiram compreender a importância da instituição para a formação das pessoas e a preservação da história, permitindo pensar sobre sua importância nas universidades, ponto chave desse subtítulo. Segundo Bloch (2001, p. 55), “[...] a história é a ciência dos homens no tempo”. Portanto, o estudo da história tem por objetivo o ser humano e o seu espaço cronológico que explica as ações do homem e suas transformações na sociedade. Apresentamos o mosteiro como início da instituição escolar, isto é, como o primeiro espaço direcionado para a organização do conhecimento no período da Idade Média.

Segundo Aldo Janotti (1992), antes mesmo do aparecimento da Universidade em Portugal, o reino já possuía uma organização educacional. Devemos considerar que a organização docente era constituída por dois modelos de escolas aos fins do século XIII, as escolas episcopais e a monástica. Ainda, de acordo com Janotti (1992), a escola episcopal é anterior ao Condado portugalense. Tratava-se de uma escola fundada no ano de (1082-1086) em Coimbra por D. Paterno, bispo da mesma cidade.

A educação monástica em Portugal desempenhou um papel significativo como uma forma de educação anterior ao surgimento das universidades. Dois mosteiros notáveis em Portugal são Santa Cruz de Coimbra, pertencente à ordem de Santo Agostinho, e Santa Maria de Alcobaça, pertencente à ordem cisterciense. De acordo com Janotti (1992), Alcobaça já possuía uma cadeira de teologia desde a fundação do mosteiro em 1153, o que indica a presença de um programa de estudos teológicos na abadia. Além da teologia, aulas de lógica e gramática

também eram ministradas nessa abadia. É importante destacar que essas aulas não eram restritas aos monges, também estavam abertas a qualquer pessoa que desejasse adquirir conhecimento.

Segundo Neto (2013, p. 68), “[...] a ocorrência de filhos de nobres que estudavam nos mosteiros, não para se tornarem monges, mas para receberem um ensino elementar”. Portanto, a educação monástica em Portugal, representada pelos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça, oferecia não apenas ensinamentos religiosos, mas também aulas de teologia, lógica e gramática. Esses mosteiros serviam não apenas aos monges, mas também à comunidade em geral, incluindo filhos de famílias nobres que buscavam uma educação elementar. Assim, a educação monástica desempenhou um papel importante como precursora da educação formal, preparando o terreno para o posterior estabelecimento das universidades em Portugal.

Quanto ao processo de transformação social de Portugal em relação ao restante da Europa, tem-se o renascimento urbano e cultural do século XII, aspectos importantes para o surgimento da universidade. De acordo com Batista (2016), o renascimento urbano do século XII refere-se ao crescimento e florescimento das cidades como centros econômicos e culturais. Durante esse período, muitas cidades em toda a Europa experimentaram um aumento populacional significativo, juntamente com o desenvolvimento de atividades comerciais e artesanais. O comércio expandiu-se, criando novas oportunidades econômicas, as cidades se tornaram centros de trocas culturais e intelectuais. Portanto, o renascimento urbano e cultural do século XII desempenhou um papel fundamental na transformação social de Portugal e na formação da nova civilização medieval. Esse período de crescimento urbano, aumento do comércio e demanda por conhecimento contribuiu para o surgimento das universidades e impulsionou o florescimento intelectual e cultural que ocorreria nos séculos seguintes. Logo:

Quem estuda a história da Idade Média percebe com meridiana clareza que o século XII representa a confluência de toda a sementeira e de toda a fermentação dos séculos anteriores no surgimento da nova civilização medieval que chegará ao apogeu no século XIII e no início do surto cultural do Ocidente (NUNES, 2018, p. 195-196).

Nesse trecho, Nunes destaca que o século XII representou a confluência de toda a sementeira e fermentação dos séculos anteriores. Isso significa que o desenvolvimento social,

político e intelectual ocorrido nos séculos anteriores foi fundamental para criar as condições necessárias para o surgimento da nova civilização medieval.

Portanto, deu-se início à urbanização com o desenvolvimento das cidades e do comércio. Destacamos que isso só ocorreu em terras lusitanas no final do século XIII. Como o reino português era uma economia tipicamente agrária, desconhecia o renascimento do século XII e XIII ocorrido nos grandes centros da Europa o que, segundo Janotti (1992), foi um movimento importante para o surgimento da Universidade.

A história do ensino em Portugal não seguiu os mesmos traços do ensino de outras regiões da Europa. De acordo com Nascimento e Costa (2008):

Seja pelo desconhecimento do renascimento, ou pelo, o atraso do comércio, da urbanização e da cultura, as escolas monacais nunca foram superadas pelas escolas episcopais, pois os mosteiros conseguiram se manter em Portugal até os séculos XII, XIII e XIV (NASCIMENTO; COSTA, 2008, p. 3).

Diferentemente do restante da Europa Ocidental, Portugal se manteve firme nas escolas monásticas. Portanto, enquanto na Europa decaem os mosteiros como centros intelectuais, em Portugal, o mosteiro de Alcobaça era o mais notável em questão de ensino.

Muitos mosteiros em Portugal são conhecidos por suas coleções de arte sacra, manuscritos medievais e objetos de valor histórico. Eles desempenham um papel fundamental na preservação e conservação dessas preciosidades, permitindo que futuras gerações tenham acesso a esses tesouros culturais. Segundo Sarache (2013, p. 224), “D. Dinis, sabendo da importância da existência de uma universidade, criou o que era chamado de estudos gerais, que foi instituído em primeiro de março de 1290”.

Durante a fase em que o *Estudo Geral* de Lisboa foi estabelecido e a formação universitária começou a ser apoiada pelo rei D. Dinis (1261-1325), testemunhamos um período de estabilidade e avanços significativos. D. Dinis foi o primeiro rei em Portugal a defender uma educação formal, seguindo o modelo das outras universidades medievais. Segundo Sarache (2013), a educação promovida por D. Dinis desempenhou um papel central no estabelecimento da Universidade e, ao mesmo tempo, contribuiu para a consolidação do reino português.

Assim, quando falamos sobre as universidades, especificamente as universidades de Portugal, estamos nos referindo a uma instituição de excelência, como o grande orgulho da

Idade Média. Neste mesmo período, já era denominada como uma comunidade de professores e alunos. Sendo assim, “Os estudantes e mestres constituíam já uma categoria regulamentada por regras jurídicas universalmente aceites, se não na sua aplicação, ao menos enquanto princípios respeitados por todos” (MATTOSO, 1997, p. 5).

O Mosteiro de Alcobaça desempenhou um papel crucial na formação cultural, educacional e religiosa de Portugal. Como mencionado anteriormente, os mosteiros eram centros de conhecimento e aprendizado, e Alcobaça foi um dos mais proeminentes. Por outro lado, as universidades desempenharam um papel crucial na promoção do conhecimento e da educação em nível mais amplo. Em termos de importância, é difícil estabelecer uma hierarquia clara entre o Mosteiro de Alcobaça e as universidades. Ambas as instituições desempenharam papéis complementares na vida intelectual e cultural de Portugal. Enquanto os mosteiros, como Alcobaça, concentravam-se mais na preservação do conhecimento religioso e nas tradições monásticas, as universidades ofereciam um escopo mais amplo de disciplinas e formavam profissionais em diversos campos.

Considerações Finais

O estudo que ora encerramos possibilitou ampliarmos o nosso olhar acerca de um tema com diversas especificidades, como o mosteiro em Portugal e, a partir dessa instituição, pudemos verificar o surgimento da universidade de Portugal. Logo, nos propusemos a estudar o processo e as mudanças ocorridas do século XII e XIII no reino português.

O mosteiro, objeto deste estudo, foi o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Este mosteiro surgiu como uma instituição escolar, se constituindo, inclusive, como o primeiro espaço institucional (sistematizado) direcionado para o ensino e preservação do conhecimento. Além disso, o estudo sobre o mosteiro nos permitiu refletir sobre a sua importância para o surgimento da Universidade em Portugal, pois foi nela que encontramos uma nova forma de pensar e uma nova atitude nos hábitos dos homens medievais.

É a partir de uma institucionalização e sistematização do ensino que se torna possível a abrangência para fora dos “muros do mosteiro”, a produção intelectual alinhada às necessidades de manter as instituições e a vida social, cria e mantém a civilização da forma como conhecemos hoje em seu início.

Observamos, ainda, que estudamos o nascimento da universidade em Portugal, por meio do mosteiro de Alcobaça, porque isso nos possibilitou refletir sobre nosso conhecimento hoje, visto que é na universidade que produzimos, atualmente, o conhecimento que tende ao universal.

Deste modo, ainda que tratássemos deste mosteiro e do surgimento da universidade em Portugal, estamos analisando questões que são pertinentes nos nossos dias, como a importância da produção científica. Portanto, a partir desse eixo conseguimos verificar como os homens que possuíam o conhecimento naquele período construíram esse espaço denominado universidade, ainda viva até nossos dias. Assim, o surgimento da Universidade foi fator principal para essa nova forma de pensar e uma nova atitude nos hábitos vividos em sociedade.

A criação das universidades permitiu o estabelecimento de um ambiente propício para o desenvolvimento da produção científica. Os estudantes e os professores reuniram-se em um local onde puderam compartilhar ideias, realizar pesquisas e aprofundar seus estudos em uma variedade de campos. As universidades também estimularam o pensamento crítico e a reflexão, incentivando a busca por novos conhecimentos e o questionamento das ideias protegidas.

Estudamos a universidade, pois é nela que hoje produzimos pesquisa, ensino e extensão, o que nos permite avançar em diversas áreas do conhecimento e alcançar o progresso científico e intelectual. O conhecimento gerado nas universidades contribuiu para o desenvolvimento de novas tecnologias, o aperfeiçoamento de práticas profissionais e a compreensão do mundo ao nosso redor. Por fim, a instituição universitária resguarda em si uma importância histórica, assim, o iniciado da universidade no passado desempenhou um papel crucial na formação do conhecimento que temos hoje e continua a desempenhar um papel essencial na construção e disseminação do saber na sociedade contemporânea.

Referências

Fontes

NUNES, J. *Crônica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285). Coimbra: Imprensa da universidade, 1918.

Estudos

BATISTA, V. S. **Uma análise do ensino no século XIII a partir de um estudo da obra clássica o Romance da Rosa**. 2016. 212 f. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Estadual do Paraná campus Paranavaí, Paranavaí, 2016.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Trad. André Talles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOVOLIM, Z. Z. C. P.; SILVA, S. C. L. A educação monástica no século X. In: VI JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 34., 2007, Maringá. **Anais...** Maringá: HUMA MULTIMÍDIA, 2007.

BRAUDEL, F. **História e ciências sociais**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

CAMACHO, V. M. A questão da “clericalização” da Ordem dos Frades Menores na primeira metade do século XIII. In: XVII Encontro de História da Anpuh-Rio, 2016. **Anais...** Rio de Janeiro, 2016, p.1-9.

DAWSON, C. **Criação do Ocidente: A religião e a civilização Medieval**. 1 ed. São Paulo: Realizações, 2016.

DIEL, P. F. **As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia**. Educação Unisinos, v. 21, n. 3, 2017.

GOMES, S. A. Entre Memória e História: os primeiros tempos da Abadia de Santa Maria de Alcobaça (1152-1215). **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, v. 2, 2002. p.187- 256.

GONÇALVES, C. C. Escola de Alcobaça. **Revista Lusófona de humanidades e tecnologias**, n. 10, p. 92-96, 2006. Disponível em: <<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/2581/1/1276-4490-1-PB.pdf>>. Acesso em: 05 jan. de 2023.

GUARALDO, L. A. N. **A reforma da universidade de Coimbra no reinado de D. João III na sua relação com a expansão da fé católica**. 2018. 264 f. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

JANOTTI, A. **Origem da Universidade**. 2. ed. São Paulo: edusp, 1992.

JOSEPH, M. **O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da linguagem**. São Paulo: É realizações, 2008.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MATTOSO, J. **Universidade Medieval Portuguesa**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

NASCIMENTO, L. A; COSTA, C. J. História da Universidade de Coimbra nos séculos XIII, XIV e XV e sua relação com as universidades medievais. In: VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do PR e SC, 2008. **Anais...** Maringá, 2008. p.1-21. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c013.pdf>>. Acesso: 11. jan. 2023.

NETO, D. M. A Visão de José Mattoso Sobre A Cultura Monástica Em Portugal Nos Séculos IX a XII. **Revista Científica FacMais**, Lisboa, v.III. n.1, p. 67-69, 2013. Disponível em: <<https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2013/05/2.-A-VIS%C3%83O-DE-JOS%C3%89-MATTOSO-SOBRE-A-CULTURA-MON%C3%81STICA-EM-PORTUGAL-NOS-S%C3%89CULOS-IX-A-XII-Dirceu-Marchini-Neto.pdf>>. Acesso: 11 jan. 2023.

NUNES, R. A. C, **História da Educação na Idade Média**. 2 ed. Campinas SP: Kíron, 2018.

OLIVEIRA, T. **Um estudo de virtudes sociais segundo Tomás de Aquino**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 29, n. 58, p. 725 - 743, jul./dez. 2015.

RUSSELL, B. **História da Filosofia Ocidental**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.

SARACHE, M. V. D. Dinis e a origem da universidade de Portugal. In: XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE, 2013. **Anais...** Curitiba, 2013. p. 22422-22430.

TEODORO, L. Alves. **A escrita do passado entre monges e leigos Portugal – séculos XIV e XV**. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/cxpqd>> Acesso em: 28 de mar. 2023.